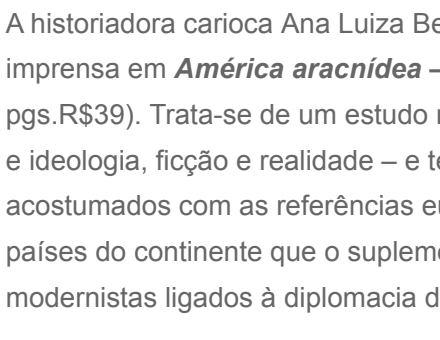
As teias abertas da América Latina

sex, 31/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas

capa

Em 1941, o governo de Getúlio Vargas decidiu apoiar os Estados Unidos contra a Alemanha nazista. A mudança de rumo do Brasil, que até então parecia mais simpático ao regime de Hitler, tinha o objetivo de aproveitar o momento para transformar o país numa grande potência sul-americana. Para isso, uma ferramenta importante, hoje praticamente esquecida, foi o suplemento *Pensamento da América*, publicado no jornal *A Manhã,* para divulgar a cultura dos países vizinhos. A historiadora carioca Ana Luiza Beraba se debruça sobre essa página pouco conhecida da nossa imprensa em ***América aracnídea – Teias culturais interamericanas*** (Civilização Brasileira, 238 pgs.R$39). Trata-se de um estudo rico e muito interessante de um suplemento que trançava lirismo e ideologia, ficção e realidade – e tentava criar uma identidade nova para os brasileiros, até então acostumados com as referências européias. A metáfora da aranha evoca a teia cultural entre os países do continente que o suplemento ajudou a tecer, valendo-se do talento de intelectuais modernistas ligados à diplomacia do Governo Vargas.



G1: Quais foram as circunstâncias da criação do suplemento Pensamento da América, em 1941? E de sua extinção, em 1948?

ANA LUIZA BERABA: *Pensamento da Am*érica foi criado em agosto de 1941, primeiramente como página semanal e em seguida como suplemento mensal do jornal oficial de Vargas, *A Manhã*. Concebido e dirigido por Rui Ribeiro Couto, o suplemento se insere no contexto internacional da Segunda Guerra Mundial e da política pan-americanista proposta pelo governo norte-americano de Roosevelt. Para firmar sua posição como aliado, o jornal dirigido por Cassiano Ricardo resolveu apostar na divulgação dos "valores literários e artísticos dos demais povos do continente". Com o fim da guerra e o fim do Governo Vargas, em 45, o projeto deixou de ter sustentação e foi definhando aos poucos até desaparecer por completo em fevereiro de 1948, quando foi substituído por um suplemento de divulgação científica.

G1: O suplemento abrigou intelectuais de esquerda e direita, ambos com liberdade para escrever. Isso não gerava conflitos?

ANA LUIZA: A riqueza do suplemento provém da sua diversidade tanto do lado brasileiro quanto do lado americano (leia-se aqui como americano tudo relativo ao continente, e não apenas aos Estados Unidos. O termo latino-americano não era empregado na época). De um lado, Borges, Neruda, Mistral, Whitman. De outro, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Cecília Meirelles, Vinicius de Moraes. Estes, no papel de tradutores e críticos literários. Aqueles, tendo sua obra traduzida e difundida ao longo de anos, em mais de 1.100 páginas. O fio condutor do suplemento era a questão da terra. Os temas tratados tentavam sempre ser coerentes com um projeto mais amplo, mas os intelectuais que estavam à frente do projeto volta e meia deixavam escapulir cá e lá alguns desvios. E não era só na literatura: as reproduções de artes plásticas, de música… tudo estava na fronteira tênue entre a modernidade e a vanguarda. Era um jornal modernista e não vanguardista, embora as vanguardas da época volta e meia fizessem rápidas aparições.

G1: Qual foi o papel de Cassiano Ricardo no suplemento, e que outros intelectuais importantes participaram?

ANA LUIZA: Cassiano Ricardo era diretor do jornal *A Manhã*, que nasceu no mesmo dia da primeira página semanal de *Pensamento da América*. Seu papel como ideólogo do jornal era primordial. Os editoriais assinados por ele deixam bem claro a linha que o jornal deveria seguir, orientado para a divulgação das fronteiras espirituais da brasilidade. Além dele, tiveram papel-chave no suplemento o poeta penumbrista Rui Ribeiro Couto (que o dirigiu de 1941 a 1943, tendo sido substituído num período de 6 meses por Manuel Bandeira), o folclorista Renato Almeida que o conduziu de forma muito competente entre 43 e 45, a poetisa chilena Gabriela Mistral, então cônsul no Rio de Janeiro e que tinha uma ativa participação no jornal. Podemos citar ainda a presença constante como tradutores os poetas e escritores Cecília Meirelles (que assina, também, o belo texto da última edição do jornal, em fevereiro de 1948), Abgar Renault, Acácio França, Oswaldino Marques, Dante Milano, entre muitos outros.

G1: Como explicar uma proposta internacionalista justamente num governo nacionalista, como o de Getúlio Vargas no Estado Novo?

ANA LUIZA: Essa é a parte mais fascinante do estudo de *Pensamento de América*: embora todo o discurso conceitual em torno do *A Manhã* versasse sobre a brasilidade, ele comportava um suplemento internacionalista que aparentemente seguia a vertente da Política da Boa Vizinhança dos Estados Unidos. No entanto, através dos editoriais nota-se que a preocupação era desenvolver a "interpretação brasileira do pan-americanismo", colocando o Brasil no eixo central: Cassiano Ricardo afirma que há uma América com duas âncoras, igualando a importância política do Brasil e dos EUA. E o objetivo do suplemento era traçar contatos diretos entre a intelectualidade do Brasil e do continente, driblando a intermediação – e influência – norte-americana.

G1: Que avaliação você faz dos efeitos da "política de boa vizinhança" na cultura brasileira? Até que pontos ainda somos o país de Carmen Miranda e de Zé Carioca?

ANA LUIZA: Sem dúvida ainda somos. E nos orgulhamos disso!! Não que o fenômeno Carmem Miranda e Zé Carioca não tenham tenham relevância – é claro que têm – mas eles fazem com que certos estereótipos acerca da brasilidade se tornem imaculados, verdadeiras adorações da cultura pop. Mas não deixa de ser uma visão reducionista do período. O que o *Pensamento da América* vem provar é que a discussão na época era muito mais fértil e variada do que os cachos de banana. Havia uma elite pensante no Brasil preocupada em atualizar o leitor brasileiro das novidades no continente, mostrando que o panamericanismo poderia ter outras vertentes, diferentes das de Carmem Miranda, Ary Barroso e Walt Disney.

G1: Você acha que falta hoje o reconhecimento do papel estratégico da cultura como arma política?

ANA LUIZA: Sem dúvida nesse momento a cultura se prestou a arma política e não foi apenas nas Américas – Goebbels sabia disso muito bem. Hoje, acho que o eixo de discussão é outro. A cultura como arma política sofreu um desgaste imenso ao longo das décadas de 60 e 70 sobretudo na América Latina, no contexto dos governos militares. Hoje acho que o grande desafio é resignificar essa América. É valorizar uma América mais urbana e cosmopolita e menos folclórica e revolucionária. Levo quase dez anos trabalhando na área de produção cultural com um foco bastante preciso na recepção do público brasileiro para obras ditas latino-americanas. O que observo é, de um lado um grande cansaço em relação a um discurso latino-americanista, e de outro uma certa retórica ufanista de fraternidade e integração. Meu trabalho final do MBA em gestão cultural na Fundação Getúlio Vargas mostra isso claramente.

G1: Como você avalia o intercâmbio cultural entre o Brasil e outros países da América Latina hoje? Quais são os obstáculos para uma maior aproximação?

ANA LUIZA: Ele existe do ponto de vista retórico mas não do ponto de vista efetivo (e afetivo!). Os preconceitos ainda são enormes. O pouco conhecimento que temos é calcado em estereótipos herdados de décadas. Costumo dizer que qualquer brasileiro concorda quando se pergunta se o Brasil faz parte da América Latina. Mas basta perguntar se ele se sente latino-americano que a convicção não é tão grande. Ainda nos sentimos culturalmente mais próximo da Europa e dos EUA do que dos países vizinhos, o que parece ser uma distorção. Até hoje, o que melhor funciona do ponto de vista da indústria cultural é a triangulação do norte: quando um produto sai da América Latina e faz sucesso no norte, ele entra em moda no Brasil. É o caso da música cubana, com o filme *Buena Vista Social Club*, ou do cinema argentino, com seus vários prêmios em festivais internacionais, ou ainda, no caso de uma cultura mais pop, cantoras como Shakira que antes estouraram nos Estados Unidos.

G1: Você escreve que o Brasil entrou no jogo do pan-americanismo não por pressão norte-americana, mas sim porque era a chance de se afirmar como potência no continente. Este plano deu certo? É possível falar de um "imperialismo brasileiro" na cultura do continente?

ANA LUIZA: Essa foi a estratégia de Getúlio, que não dava ponto sem nó. Ele viu em todo aquele discurso do Roosevelt, do Rockfeller, uma oportunidade para se fortalecer regionalmente. Acho que politicamente sem dúvida o Brasil é uma referência no continente e influencia diversas atitudes em torno. Culturalmente falando, eu não sei se chega a tanto. Tem a música brasileira que é mundialmente cultuada, mas de resto se conhece muito pouco também. Existe a questão da língua, que muitas vezes serve de desculpa… A meu ver, parece uma conversa de surdos, onde falta diálogo e sobra desconfiança. Uma pesquisa feita na Espanha mostra que o brasileiro é o povo que mais desconfia dos demais latino-americanos. Acho que o grande passo é começar a deixar que essa questão de integração seja vista como uma questão político-ideológica e passe a ser vista como um fator econômico de desenvolvimento. Na Europa se fala de conceitos como um star system europeu para o cinema, por exemplo. Aqui, nós mal sabemos que se faz cinema em torno. As iniciativas de integração com objetivos mais pragmáticos de fortalecimento local já existem mas ainda estão engatinhando. Temos um longo processo pela frente. Mas antes, é preciso dar a conhecer, e aí a cultura é uma ferramenta extremamente importante, pois ninguém gosta daquilo que não conhece. É hora de inverter os eixos e criar mecanismos de aproximação mais imediatos.

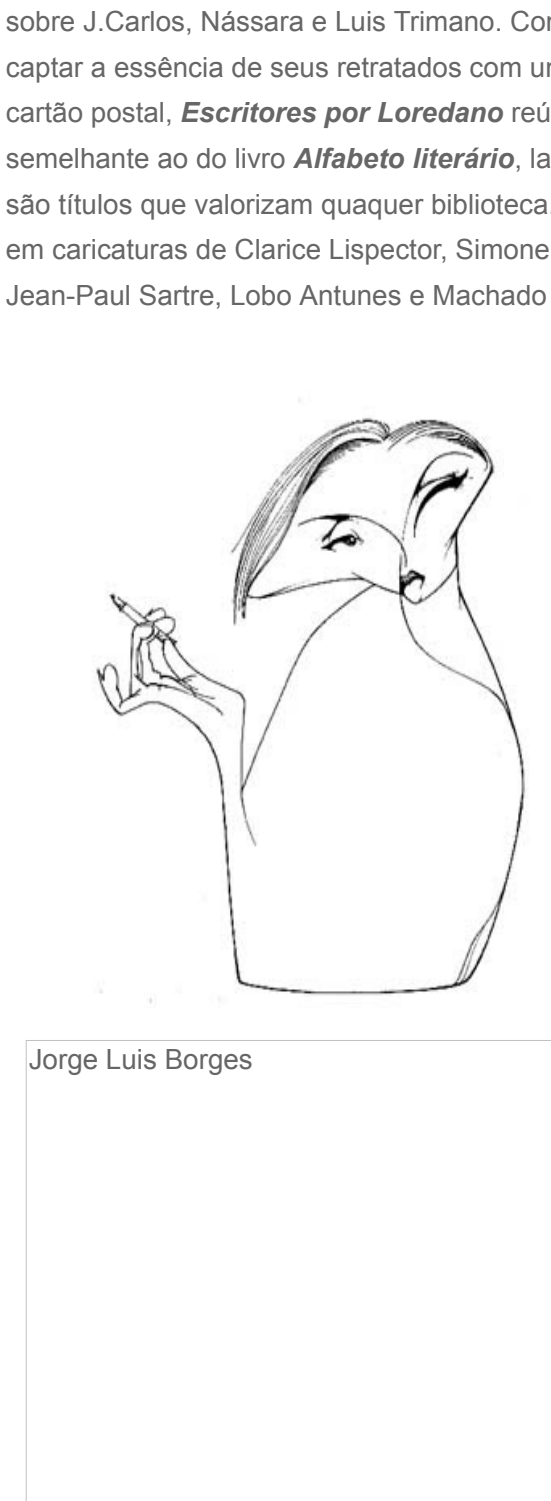
2 comentários »

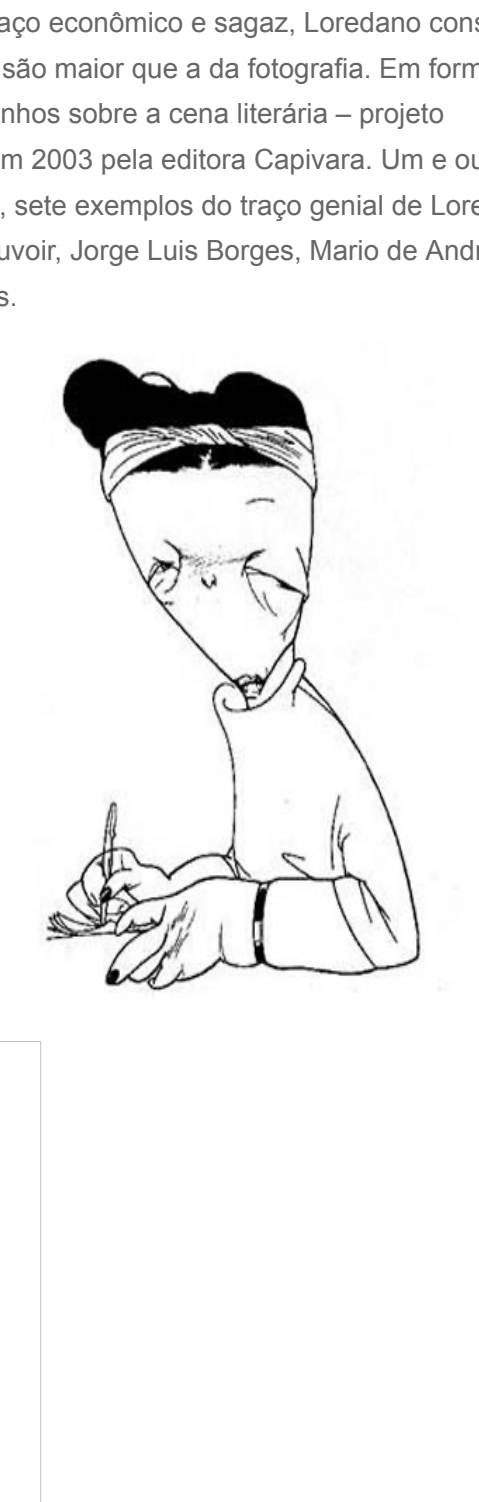
Loredano em feitio de cartão

dom, 26/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas

Cassio Loredano

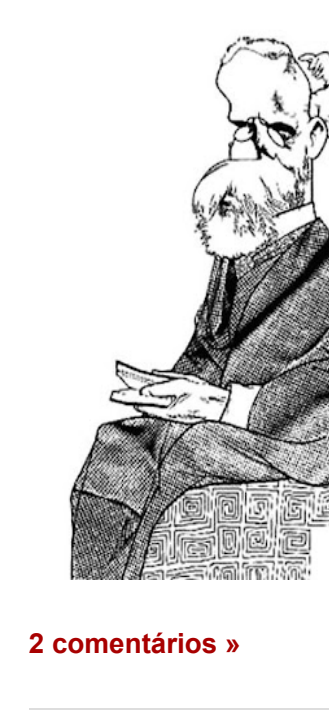
Está para chegar às livrarias um lançamento obrigatório para os amantes da caricatura: ***Escritores por Loredano*** (Instituto Moreira Salles, R$40). Para quem não sabe, Cássio Loredano é o maior desenhista brasileiro em atividade, referência inescapável de todos os profissionais da área. Nascido em 1948 no Rio de Janeiro, Loredano morou na Alemanha, na Itália, na França e na Espanha, publicando desenhos regularmente em jornais como *El Pais*, *La Repubblica* e *Libération*. É também pesquisador da história da caricatura e da charge no Brasil, tendo organizado importantes livros sobre J.Carlos, Nássara e Luis Trimano. Com seu traço econômico e sagaz, Loredano consegue captar a essência de seus retratados com uma precisão maior que a da fotografia. Em formato de cartão postal, ***Escritores por Loredano*** reúne desenhos sobre a cena literária – projeto semelhante ao do livro ***Alfabeto literário***, lançado em 2003 pela editora Capivara. Um e outro são títulos que valorizam quaquer biblioteca. Abaixo, sete exemplos do traço genial de Loredano, em caricaturas de Clarice Lispector, Simone de Beauvoir, Jorge Luis Borges, Mario de Andrade, Jean-Paul Sartre, Lobo Antunes e Machado de Assis.

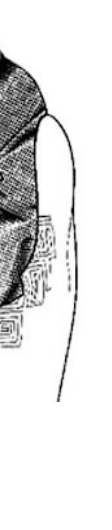


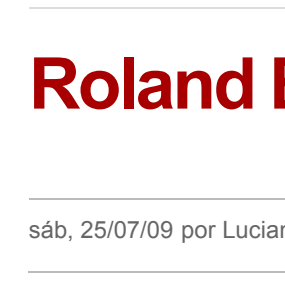


Jorge Luis Borges

Mario de Andrade







2 comentários »

Roland Barthes volta à moda

sáb, 25/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas

Originalmente publicado em 1967, ***Sistema da moda*** (Martins Fontes, 480 pgs. R$59,90) é uma obra representativa da onda semiológica que prosperou durante mais de uma década no pensamento francês (com uma longevidade ainda maior na sua filial, a universidade brasileira, sempre atenta – e às vezes submissa – ao mercado parisiense das idéias). É, em resumo, um exercício engenhoso de aplicação de uma análise semântica a um fenômeno cultural, isto é, Barthes toma a moda como uma linguagem e tenta decifrar seu vocabulário, sua gramática, sua sintaxe. Partindo de artigos publicados em revistas especializadas no vestuário feminino, ele examina não somente a estrutura e o significado do discurso sobre a moda, mas também a própria moda como um discurso.

Ao desvendar esse sistema de significações, ele revela as regras invisíveis que determinam o revezamento incessante de gostos e tendências ao longo dos anos. Mas, a rigor, a moda é apenas pretexto para um empreendimento teórico frio, quase impessoal, que poderia eleger como objeto qualquer outro fenômeno da cultura – o que Barthes fez em outros textos, aliás. Para quem tem uma relação emocional mais próxima com o mundo *fashion*, a leitura poderá parecer árida e excessivamente intelectualizada. Ainda assim, *Sistema da moda* é, ao lado de *O império do efêmero*, de Gilles Lipovetsky, um dos frutos mais interessantes do casamento entre a inteligência e a futilidade, entre o conteúdo e o estilo.

capa moda

Sistema da moda dá seqüência à reedição sistemática (sem intenção de trocadilho) das obras de Roland Barthes pela editora Martins Fontes, incluindo volumes com a transcrição dos cursos do pensador no prestigioso *Collège de France (A preparação do romance, Como viver junto)* e outros textos inéditos *(Escritos sobre teatro, Imagem e moda),* além dos já clássicos *O rumor da língua* e *Fragmentos de um discurso amoroso*, que tiveram influencia decisiva sobre a teoria da arte e da literatura e o desenvolvimento das ciências humanas.

A iniciativa sugere que a demanda por Barthes continua, quase 30 anos após sua morte, em 1980 – o que é confirmado pelo lançamento de ***Roland Barthes - O ofício de escrever***, de Eric Marty (Difel, 384 pgs.R$49), que não é uma biografia, mas uma reunião de ensaios que fazem um inventário sobre as diferentes fases da obra de Barthes – de quem Marty foi aluno e amigo – o que também dá ao seu livro um tom de viagem sentimental, de reflexão pessoal sobre a relação entre mestre e discípulo. *O ofício de escrever* é dividido em três partes: "Memória de uma amizade", relato autobiográfico que conta o transcorrer cotidiano dos últimos anos do escritor; "A obra", que percorre e mapeia a toda sua produção; e "Sobre Fragmentos de um discurso amoroso", reunindo textos críticos que interpretam seu livro mais conhecido e suas "estratégias subterrâneas".

capa journal

"O que diz o mestre ao discípulo para suscitar nele esse desejo de saber, desejo de pensar? Diz simplesmente: Você pode pensar", escreve Marty, que freqüentou a casa de Barthes e foi testemunha de seus amores, além de juntos terem escrito o famoso ensaio "Oral/Escito", publicado na Enciclopédia Einaudi. Foi também Marty que coordenou e prefaciou a edição em cinco volumes das obras completas de Barthes.

Ou não tão completas assim, já que volta e meia surgem textos inéditos, alguns volumosos e relevantes. É o caso de *Carnets du voyage en Chine*, que relata com ceticismo um viagem feita à China comunista em 1974, com Philippe Sollers e outros escritores, e do recém-lançado na França ***Journal du deuil*** (*"Diário do luto"*), que reúne os textos que Barthes escreveu em seguida à morte de sua mãe, em 1979 – um total de 330 fichas, ordenadas cronologicamente. Um ano depois foi a vez de ele próprio morrer – ironicamente, atropelado por um caminhão da empresa cuja publicidade ele analisara em seu livro *Mitologias*. A publicação desse registro íntimo de seu sofrimento causou alguma polêmica na França. Para François Whal, amigo e antigo editor de Barthes, trata-se de uma brutalidade que teria escandalizado o próprio autor.

LEIA TAMBÉM:

capinha 1

capinha 2

capinha 3

5 comentários »

Uma menina mal comportada

dom, 19/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas

capa 1

Mayra Dias Gomes tem na alma a rebeldia dos anos 70: seus livros são viagens de autoconhecimento, regadas a sexo, drogas e rock'n'roll. Ela escreveu o primeiro romance, *Fugalaça*, com apenas 17 anos, e acaba de lançar o segundo, aos 21: ***Mil e uma noites de silêncio*** (Record, 304 pgs.R$39), que conta a história de Clara, uma jovem solitária em busca de um laço humano verdadeiro. Abandonada pelos pais biológicos, largada pelo noivo no altar e órfã da mãe adotiva, Clara vive uma existência em negativo, na qual os dias se arrastam sem motivação. Marcada pelas perdas e pelo abandono, ela se sente incapaz de se integrar na sociedade e coleciona noites insones. Depois de mais uma decepção amorosa, Clara decide mudar de vida e parte para a inóspita e sombria Bangônia, onde se depara com um cotidiano de prostituição, tráfico e glam rock. No meio disse tudo ela encontra também a juventude perdida – e decide romper com seus tabus. Nesta entrevista, Mayra – filha do falecido dramaturgo Alfredo Dias Gomes – reforça a sua imagem de garota mal comportada, coerente com sua literatura.

G1: Que sentido tem para você a palavra transgressão?

MAYRA DIAS GOMES: Transgredir é ultrapassar, romper tabus. Procuro viver em transgressão. Nunca andar para trás e, se for preciso, quebrar tudo para andar para frente.

G1: Tendo estreado tão jovem, você sente que já amadureceu como escritora?

MAYRA: Um escritor deve amadurecer a cada livro. Certamente amadureci de *Fugalaça* para cá, mas tenho certeza de que ainda amadurecerei mais ainda nos próximos trabalhos. Quando escrevi *Fugalaça*, simplesmente vomitei meus sentimentos e traumas para tentar me curar de fantasmas que me assombravam. Em *Mil e Uma Noites de Silêncio*, criei um universo ficcional, cheio de personagens com profundidade, e uma narrativa cheia de mistério, que se desenrola como em um pesadelo. Aqui eu precisei realmente estruturar meus pensamentos, ao invés de simplesmente vomitá-los com uma catarse. Agora posso ter certeza de que sou uma escritora, e não uma menina a fim de publicar seu diário.

G1: Você se sente integrada à sua geração – ou, ao menos, a uma tribo da sua geração? O que definiria essa tribo? Que valores, que comportamento, que relação com a vida?

MAYRA: Sinto-me integrada à minha geração, é claro. Recebo diariamente e-mails de meninas e meninos que se identificam com o que eu escrevo e estão em busca de conselhos. Minha geração é muito imediatista e não sabe lidar com prazos e espera. É uma geração que nasceu na frente do computador, podendo descobrir qualquer coisa com um clique no Google, podendo manter relacionamentos muitas vezes frágeis pelas redes sociais. Minha geração quer soluções imediatas para qualquer problema. Nunca tivemos que enviar uma carta na vida. Temos laços muito frágeis e mudamos de idéia facilmente. Sou parte disso, com certeza. Meus leitores se identificam comigo porque sou como eles. A única diferença é que estou aqui dando a cara a tapas, e eles gostam de mim por isso.

G1: Sua ficção parece ser um decalque da sua vida. Escrever, para você é uma forma de terapia, de auto-análise? Está funcionando?

MAYRA: Escrever pra mim é como respirar. Posso escrever sobre o que está me atormentando, mas também posso escrever sobre uma parede branca. Certamente, quando falo de mim mesma, estou fazendo uma autocrítica, sendo minha própria terapeuta. É claro que funciona, mas só depois que vejo de fora, depois de publicado. Quando estou escrevendo, geralmente não faço a menor idéia do que vai dar. Eu sou guiada pelos personagens, simplesmente faço o que eles mandam. Pode ser que eles sejam parte de mim ou não. E pode ser que eles me representem também através de antagonismos.

G1: Quem te influenciou na literatura? Com que autores você dialoga?

MAYRA: Baudelaire, Bukowski, Jack Kerouac, William Burroughs, Hunter S.Thompson e o amado e temido Lester Bangs.

G1: E quem te influenciou na atitude e na vida? você sente nostalgia de uma contracultura que não viveu, dos anos 60 e 70?

MAYRA: Minhas influências são todas musicais. Acho que comecei a gostar do Marilyn Manson quando tinha uns 13 anos. Ele era o máximo naquela época, não havia perdido a perspectiva como agora, e falava diretamente comigo, me mandando não me importar com a sociedade que me julgava e dar o dedo do meio para tudo. Eu estudava numa escola elitista e me sentia muito diferente das outras pessoas. Era a ovelha negra.(Uma observação é que cheguei a entrevistar o Manson quando comecei a trabalhar como repórter musical.) Kurt Cobain também foi uma influência forte quando eu era nova, pois cheguei a morar em Seattle, no apartamento da gravadora que havia lançado o primeiro disco do Nirvana. Eu me sentia confortável na melancolia do Kurt, confortável para abraçar minha tristeza quando sentisse vontade. Nessa época eu me sentia muito feia, e adorava escrever cartas de suicídio. Mais tarde, comecei a me espelhar no Iggy Pop, nos Ramones, e em toda a galera do punk. Em geral, sempre quis ter coragem de fazer qualquer coisa que tivesse a fim sem me importar com a opinião dos outros. Consegui. Mas não gostaria de ter vivido nos anos 60 e 70. Tirando a música, imagina a merda que devia ser?

G1: Que importância têm hoje na sua vida 1) o sexo, 2) as drogas e 3) o rock'n'roll?

MAYRA: Você quer que eu fale o quão importante é o sexo pra mim? Acho uma pergunta estúpida, pois o que seria da vida sem sexo? As drogas foram uma maneira que eu encontrei de escapar para outro mundo em momentos de tristeza profunda com qual eu não sabia lidar. Acho que todos os adolescentes experimentam alguma droga durante a fase de insegurança, descobertas e medos. A diferença é que eu usei um monte delas, mas honestamente, não tenho o menor preconceito contra mim. Fiz o que quis e ponto. Precisava disso naquela época. Sou honesta para admitir, pelo menos. Sobre o rock, vamos lá, é simplesmente a minha vida. Meu trabalho hoje em dia é escrever sobre rock, entrevistar grandes músicos de rock, ouvir álbuns de rock, e sempre estar nos shows. Sou colaboradora do site da revista *Spin*, a segunda maior de música dos EUA. Recentemente, aliás, estive na Finlândia a convite do próprio governo do país, para participar de reuniões em gravadoras, agências, associações de exportação, entrevistar bandas e fazer a cobertura de um festival de metal extremo. Foi minha recompensa por amar tanto o rock'n'roll. Foi a melhor viagem da minha vida.

G1: Você não tem medo de virar uma personagem de si mesma?

MAYRA: Que seja o que for pra ser. Não quero ter medo de nada.

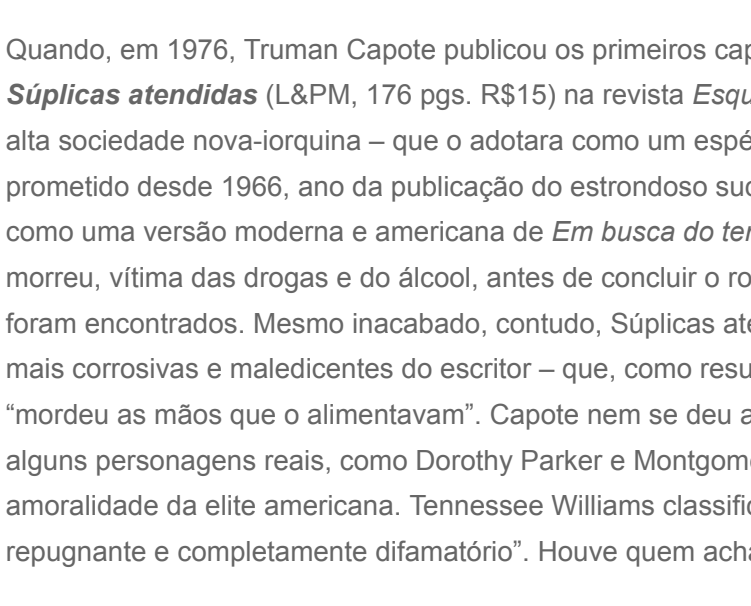
LEIA UM TRECHO DO LIVRO:

"Eu fiz o esperado e deixei meu corpo se acostumar com mais fúria. Fiz o esperado com um sorriso amarelo no rosto e um fulgor nos olhos que não era de felicidade. Eram lágrimas raivosas que queriam pular e inundar tudo. Enquanto colocávamos as caixas marrons de papelão dentro do caminhão emprestado da floricultura, eu sentia vontade de explodir. Explodir, pois odiava tudo. Odiava Lukas, odiava a mudança, odiava as caixas, as coisas dentro delas, meu apartamento, as memórias, o passado, o presente, o futuro, as escolhas, o céu nublado, a floricultura, o tempo irreversível, a insônia, a vida a Morte, o vazio, o buraco negro, eu. E, no entanto, não odiava tudo tanto assim."

25 comentários »

O último show de Truman

sáb, 18/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas



Quando, em 1976, Truman Capote publicou os primeiros capítulos do aguardado romance ***Súplicas atendidas*** (L&PM, 176 pgs. R$15) na revista *Esquire*, provocou um enorme alvoroço na alta sociedade nova-iorquina – que o adotara como um espécie de mascote. O livro vinha sendo prometido desde 1966, ano da publicação do estrondoso sucesso *A sangue frio,* e era anunciado como uma versão moderna e americana de *Em busca do tempo perdido*, de Proust. Capote morreu, vítima das drogas e do álcool, antes de concluir o romance, e os capítulos faltantes nunca foram encontrados. Mesmo inacabado, contudo, Súplicas atendidas contém algumas das páginas mais corrosivas e maledicentes do escritor – que, como resumiu o crítico da *New York Magazine*, "mordeu as mãos que o alimentavam". Capote nem se deu ao trabalho de trocar os nomes de alguns personagens reais, como Dorothy Parker e Montgomery Clift, numa história sobre a amoralidade da elite americana. Tennessee Williams classificou o livro como "chocantemente repugnante e completamente difamatório". Houve quem achasse o comentário generoso.

O medo de novas e explosivas revelações sobre a vida íntima do *jet-set* com a publição do livro na íntegra se espalhou, o mundinho dos ricos e famosos virou imediatamente as costas para Capote, que passou a ser rejeitado na alta roda. Vaidoso como era e patologicamente depedente do livre trânsito entre os VIPs que agora o execravam, ele ficou profundamente abalado, mas sua língua continuou ferina. Numa entrevista de 1981, reconheceu: "Acho que as pessoas simplesmente foram surpreendidas pela franqueza. Elas pensavam que eu fazia parte de seu circulo íntimo", para em seguida voltar ao ataque: "A verdade é que estas pessoas me interessavam e, sim, eu estava com elas para uma espécie de estudo de campo, mas eu nunca estive muito próximo delas. Como poderia estar? O nível intelectual delas não é muito alto!"

O título é uma citação a Santa Teresa 'Ávila: "Mais lágrimas são derramadas pelas súplicas atendidas do que pelas não atendidas". Nada mais verdadeiro. Neste livro Truman Capote projetou o melhor e o pior de si mesmo: inimitável como escritor e assumidamente desprezível como indivíduo. Ironicamente, hoje ele mais lembrado e mitificado por suas excentricidades, sua homossexualidade e seu caráter ambíguo do que pela sua obra literária propriamente dita. Foi o preço que pagou por se render ao canto da sereia da celebridade e dos excessos.

LEIA UM TRECHO DO LIVRO:

"Foi nessa época que eu devia ter me mudado para o campo.
Mas comprei uma passagem de ônibus e fui para Nova York de Greyhound. Eu tinha uma maleta sem quase nada dentro – só roupas de baixo, camisas, produtos de higiene pessoal e vários cadernos de anotações onde eu rabiscava uns poemas e contos. Eu tinha dezoito anos, era outubro; e eu nunca esqueci o brilho de Manhattan quando o ônibus foi chegando pelos pântanos fedorentos
de Nova Jersey. Como Thomas Wolfe, um ídolo admirado ontem e esquecido hoje, poderia ter escrito: Ah, as promessas ocultas nas janelas! – frias e candentes no esplendor trêmulo de um pôr do sol no outono.
Desde então eu me apaixonei por várias cidades, mas só um orgasmo ininterrupto de uma hora poderia ultrapassar a alegria que senti no meu primeiro ano em Nova York. Infelizmente, resolvi casar.
Talvez a minha noiva ideal fosse a própria cidade, onde estava a minha alegria, o meu sentimento de fama inevitável, de bem-aventurança. Mas, ah, casei com uma garota.

LEIA TAMBÉM:

Contos

A sangue Frio

bonequinha

Música

Biografia

2 comentários »

Acerto de contas com o tempo

sáb, 11/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas

capa

busca no blog

ok

Perfil

Luciano Trigo é escritor, jornalista, tradutor e editor de livros. E pai da Valentina. Autor de "O viajante imóvel", sobre Machado de Assis, "Engenho e memória", sobre José Lins do Rego, e meia dúzia de outros livros, entre eles infantis. Foi editor dos suplementos "Idéias", no Jornal do Brasil, e "Prosa & Verso", no Globo, e colaborador de diversos jornais. Editou também as revistas "Leia Livros" e "Poesia Sempre". Foi editor da Nova Fronteira e da Odisséia Editorial. O endereço do blog Máquina de Escrever mudou. As novas postagens estarão em http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/

Colunistas

Altieres Rohr
Alysson Muotri
Amelia Gonzalez
Ana Cássia Maturano
André Trigueiro
Antônio Carlos Miguel
Bruno Medina
Cassio Barbosa
Cláudia Croitor
Cristiana Lôbo
Dicas de motos – Roberto Agresti
Dodô Azevedo
Dra. Ana Escobar
Geneton Moraes Neto
Gerson Camarotti
Lia Salgado
Oficina do G1 – Denis Marum
Paulo Coelho
Ronaldo Prass
Sérgio Nogueira
Yvonne Maggie
Zeca Camargo

Outros blogs

Fantástico – 30 anos atrás
G1 – Blog da Redação
Globo News – Ciência e Tecnologia
Globo News – Cidades e Soluções
Globo News – Estúdio i
Globo News – Milênio
Globo News – Sarau
Jornal Hoje – Hoje em Casa
Jornal Nacional – JN Especial
Start.up

Categorias

Artes plásticas
Artigo
Cinema
Literatura
Protestos no Brasil
Rio
Todas

Arquivos

março 2014
fevereiro 2014
janeiro 2014
dezembro 2013
novembro 2013
outubro 2013
setembro 2013
agosto 2013
julho 2013
junho 2013
maio 2013
abril 2013
março 2013
fevereiro 2013
janeiro 2013
dezembro 2012
novembro 2012
outubro 2012
setembro 2012
agosto 2012
julho 2012
junho 2012
maio 2012
abril 2012
março 2012
fevereiro 2012
janeiro 2012
dezembro 2011
novembro 2011
outubro 2011
setembro 2011
agosto 2011
julho 2011
junho 2011
maio 2011
abril 2011
março 2011
fevereiro 2011
janeiro 2011
dezembro 2010
novembro 2010
outubro 2010
setembro 2010
agosto 2010
julho 2010
junho 2010
maio 2010
abril 2010
março 2010
fevereiro 2010
janeiro 2010
dezembro 2009
novembro 2009
outubro 2009
setembro 2009
agosto 2009
julho 2009
junho 2009
maio 2009
abril 2009
março 2009
fevereiro 2009
janeiro 2009
dezembro 2008
novembro 2008
outubro 2008
setembro 2008
agosto 2008
julho 2008
junho 2008
maio 2008
abril 2008
março 2008
fevereiro 2008
janeiro 2008
dezembro 2007

Cada novo livro de Armando Freitas Filho representa um sopro de energia e seriedade na poesia brasileira contemporânea - que está cada vez menos relevante e ambiciosa, infelizmente. Num universo onde a grande maioria dos lançamentos tem cara de rascunho, de coisa incompleta e descartável, de velhice antes do tempo, Armando escreve poemas viscerais e permanentes. ***Lar,*** (assim mesmo, com uma vírgula; Companhia das Letras, 136 pgs.R34) passa longe de dois males recorrentes nos novos poetas: as fórmulas fáceis dos poemas produzidos em série e a gracinha adolescente como recurso poético. Armando não usa artifícios técnicos para impressionar o leitor, nem faz trocadilhos banais. Conhece a tradição, mesmo que seja para transgredi-la, e leva a sério a poesia, mesmo quando ri de si mesmo. Aos 69 anos, ele reuniu em ***Lar,*** poemas autobiográficos que tematizam os anos de formação e as marcas da vida famíliar - e evidenciam uma angustiante consciência do tempo e da finitude. Um acerto de contas com a vida.

G1: Os poemas de *Lar,* têm caráter autobiográfico. O livro nasceu de um sentimento de nostalgia, da vontade racional de uma auto-análise ou do impulso de fazer um balanço, de passar coisas a limpo? Por quê?

armando

ARMANDO FREITAS FILHO: Há prenúncios de *Lar,* no meu primeiro livro. Em *Palavra*, de 1963, a primeira parte, "Infância", e logo depois o poema "Casa", indicam isto. Por todos os outros livros, a presença da casa, do recanto (nome de um poema do meu segundo livro) familiar, do pai, da mãe, do filho, da mulher está presente, algumas vezes em primeiro plano. O que acontece agora é que o que era "de relance" se fixou (na medida do possível), em lances de memória e cotidiano, de hoje e de nunca mais, que são apresentados em *close up*. Por isso mesmo, com maior intimidade e permanência, numa série de cronologia acidentada, mais analógica do que lógica, digamos assim, bem de acordo com o gênero que a retrata. Poderia dizer, também, que os poros estão à mostra, isentos de distância ou maquiagem. O que acontece é que, na realidade, não passo as coisas a limpo; o que acontece é justo o oposto. Afirmo até que "Ao passar a limpo, me sujo". Digo na orelha que é um livro da memória e não de memórias. Quando não se é Proust, o poema é o melhor instrumento para pescar o que a memória involuntária ejeta, creio eu. Nostalgia, auto-análise, balanço, racionais ou não, são inevitáveis quando se chega a uma certa idade, mesmo que conscientemente não tenha querido isso. Mas como evitar o gosto, já sem açúcar, do chiclete há muito mastigado, que foi posto, por um tempo, escondido, embaixo do tampo da mesa? Prefiro dizer, então, que o "por quê?" final de sua pergunta cabe, e se cabe, não tem resposta possível.

G1: Fale sobre o diálogo com o Drummond de *Boitempo* e outros autores/livros de evocação.

ARMANDO: A série de *Boitempo* é altamente inspiradora. Inspirar-se numa poesia inalcançável como a de Carlos Drummond é dever e desafio cotidiano de cada poeta. Por essa razão, há que achar a oportunidade de ser um mero afluente, mesmo de pouca água, para não cair na tentação de repeti-lo, o que seria, aliás, inviável, para dizer o mínimo, e alcançar, pelo menos, uma identidade própria. Por essas e outras, vou logo afirmando, no poema "Herança", que "Menino antigo não há em mim. / Nem seu cadáver simbólico e interno.", e, em "Moto-contínuo", o verso final de "O elefante" de Drummond, "Amanhã recomeço.", aparece *ipsis litteris* fechando a minha tentativa, não sem antes, de passagem, surgir um "monstro" com "elefantíase". A diferença é significativa, mas não é uma má-criação: pretende ser uma variação sobre um tema famoso; de como ele foi alterado ou degradado pelo tempo, segundo a convicção de quem trabalha com seu motivo. Os livros fundamentais que merecem evocação plena chegaram primeiro, como numa amostra, através de um disco: lado A, Manuel Bandeira, lado B, Carlos Drummond de Andrade. Não me lembro de tê-los pedido ao meu pai, mas se ele me deu, devo ter feito algum movimento nesse sentido. Eu tinha 15 anos e o que ele e minha mãe desejavam para mim é que eu me formasse (já que padre, como queria a fantasia de minha mãe, estava fora de questão) em alguma faculdade "sólida": de Direito, Engenharia ou Medicina. A poesia entraria, tal qual na vida deles, como ilustração, e nunca como *raison d' être*, como acabou sendo para mim, desde menino. *Poesias*, de Bandeira, e *Fazendeiro do ar*, de Drummond, foram os meus primeiros livros "sérios", minhas bíblias, em meados dos 50. O amor pela poesia de Manuel foi sempre feito com toda calma e profundidade de que sou capaz, mas, quanto a de Carlos, o amor sempre foi de "apache", feito de recusas e provocações da parte dela. Isso continua até hoje, pois nunca se termina de ler autores desse porte: é uma tarefa para toda a vida.

G1: Drummond, Bandeira, Cabral e Gullar são suas principais referências. O que te toca mais em cada um desses quatro poetas?

ARMANDO: Sumariamente: em Drummond, sua capacidade natural de ser universal e imprescindível.O que meu querido e saudoso Helio Pellegrino disse, de improviso, ao meu lado, no velório de CDA, a um repórter muito moço, Arthur Dapieve, que o entrevistava, vem a ser a melhor definição da obra de Drummond para mim: "Não me entenderia direito como ser humano sem sua poesia". Em Bandeira, a capacidade mágica de partir da imanência mais estrita para a transcendência, com absoluta precisão e economia de meios. Em Cabral, o dom de não permitir que sua mão variasse: parece que toda a sua obra foi escrita num dia só de inspiração sobre-humana. Em Gullar, a disposição de transformar-se, de correr riscos, de escrever como que no front de si mesmo, "na vertigem do dia", e da vida.

G1: Como o amadurecimento/envelhecimento afeta a sua relação com a poesia e com o mundo? O que mudou/está mudando?

ARMANDO: O "que mudou/está mudando"? Ou é sempre o mesmo, no fundo, disfarçado? O tempo de madureza já passou: "estela fria". O tempo de agora é sem estrelas: é uma espera que, às vezes, desespera.

G1: A passagem do tempo e o sentimento da finitude, o transitório e a precariedade da vida são os verdadeiros temas de Lar? Fale sobre isso.

ARMANDO: Sim, no alvo. Mais certeiro impossível. Acuso a flecha. Nesse sentido, a minha série "Numeral", que Heloisa Buarque chamou de "diabólica", começada há 10 anos, e que vai se manter até quando eu e o leitor durarmos, ou desistirmos, é a melhor prova disto: é o meu livro sem volume próprio, que pega uma carona nos livros que vierem. Lar, se encerra no número 100.

G1: Com que poetas mais jovens você dialoga? Como analisa os rumos da poesia brasileira hoje?
ARMANDO: Dialogava mais com os da minha geração: Tite de Lemos, Sebastião Uchoa Leite e Ana Cristina César, bem mais moça que nós. Com os mais moços de agora, a conversa é esporádica, como é natural, aliás. Não os nomeio porque não há nenhum com quem tenha a mesma intimidade que tive com os citados, que envolvia poesia e vida, intensamente. Seria inventar uma relação que não possuo. Acho a poesia contemporânea atual exuberante. Pena que os media não a divulguem como merece. Há uma tendência para eleger somente o poeta que chega atrelado a algum crítico de renome que, por assim dizer, "adota" este poeta, como de estimação, e vice-versa, para a vida inteira. É uma relação que confunde ou mistura amizade com mérito. Parece até que para o poeta "adotado" um só leitor é bastante e para o crítico correspondente uma poesia é mais do que suficiente, pois aparece isolada, sem "contrastes e confrontos". Esses duetos, por natureza, são excludentes, previsíveis, não confiáveis. Quase se pode dizer que de um livro para o outro só se precisaria trocar o nome do volume, que o comentário anterior serviria. O curioso é que o poeta analisado não merece nenhum reparo: é um ser perfeito, solitário na sua excelência, que acaba sendo suspeita. Isso pode gerar, no poeta e no crítico, uma "preguiça" perigosa, uma mesmice paralisante. Os que estão fora desse circuito envenenado pela claustrofobia não merecem sequer menção, nenhuma indulgência, apenas o silêncio da indiferença calculada, ou da ignorância incalculável, ou, ainda, da sabotagem, pura e simples, dependendo do caráter do crítico. Um pouco de "literatura comparada" (será esse o nome?) não faria mal a ninguém, ou, para eles, o "inferno são os outros", mesmo?

G1: Faz falta um sentido de grupo, de movimento de cumplicidade geracional hoje? Como a cumplicidade que ensejou poetas como Ana Cristina Cesar?

ARMANDO: Acho que a nova geração tem o mesmo "sentido de grupo" e "cumplicidade geracional" que nós tivemos. É da condição humana, da ordem natural das coisas esse comportamento, sociologicamente falando, na ferocidade breve, muito breve! da juventude. E hoje eles têm uma proximidade até mais rápida, que a camisinha de Vênus eletrônica proporciona com profusão e segurança. Afinal, a internet, como o nome indica, aproxima por dentro, entra, entre, na teia de cada um, instantaneamente, e como!

G1: Você sente que o status do poeta na sociedade está mudando? O espaço e o valor da poesia, no sentido estrito, estão diminuindo? Ou poetas ainda terão o peso e a influência que tiveram, por exemplo, Bandeira e Drummond? Por quê?

ARMANDO: A poesia moderna sempre foi para raros. Mallarmé achava que os poetas nem deviam aparecer nos jornais, que as edições de poesia deviam ser de tiragem reduzida etc. Aqui no Brasil, os poetas de livro quiseram disputar holofotes com os compositores de música popular, a partir dos anos '60. Ainda peguei a época que os compositores populares disputavam as láureas com os eruditos: Ary Barroso x Villa-Lobos e não Ary x Bandeira, por exemplo. Para mim, cada macaco no seu galho é sempre melhor. Poetas com o peso de Bandeira e Drummond é que são difíceis, muito difíceis de achar. Devemos nos contentar com a nossa magreza, ou, então…, engordar. Ao contrário da vida real, engordar poeticamente, é sinal de saúde e tão difícil como quem quer emagrecer para o espetáculo da passarela, seja ela qual for. Mas se olharmos bem, há um ou dois que são fausse maigres.

G1: Se você encontrasse o jovem poeta que estreou com Palavra, em 1963, o que diria a ele? E o que acha que aquele poeta te diria?

ARMANDO: Eu: Silence, exile and cunning.Ele: O que quer dizer cunning?

TRÊS POEMAS DE LAR,:

Escrevo nas costas da mãe
conspurcada pelo amor
nas costas dos tios empertigados
pela indiferença e sarcasmo
na cara dos primos exemplares
reescrevo, corrijo, fazendo
pressão com o lápis rombudo
para marcar minha dissidência
na família programada, mas
sob os olhos sérios do pai
que me desencurva, e apoia
mesmo desconfiado
em palavra explícita para
não frisar demais sua intenção
seu ódio difuso que também
me atinge em forte trans
fusão, consigo, comigo mesmo
até alcançar a malvada consciência.

***

Mil folhas. Mesmo em algumas das mais
passadas, um pouco do sabor, um risco
de doçura e amargo, é remanescente.
Anamnésia construída pelo fato
e pela imaginação: vai do anátema
ao enaltecimento, expressos em alta voz
até ao murmúrio cifrado no coração.
O acervo de uma vida se dispersará
depois de ela parar: alguma coisa
aqui, nesta casa, para lembrar quem se foi
fica, sem roubo nem degradação, sobrando.
O resto, espalhado na desordem dos arquivos
dos sebos e brechós, nós defeitos
na mudança para lugar nenhum
perdido no limbo, reciclável em outro corpo
e destino, longe do clamor da hora
cada vez mais afastado do limiar original
da montagem do dia, à margem do relógio
rasgado por mãos alheias, posto fora
o sonho, que se açucara, perde o gosto, e fere.

***

Da casa dos três dígitos
não saio mais. Trinco.
Dia após dia de prisão
na cidade em carne viva.
Entre em si para sempre:
tendo de seu, apenas o bodum
ranzinza do corpo
que vai se resignando
a não perseguir o inominável
nem a se persignar

7 comentários »

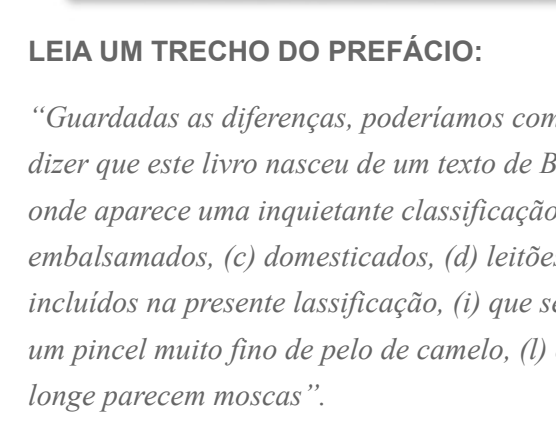
Foucault em verbetes

qui, 09/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas

capa

Embora não fosse um filósofo no sentido estrito da palavra, Michel Foucault produziu uma obra e um pensamento dos mais influentes do século passado, que modificaram profundamente a própria maneira de se pensar a Filosofia e a História. Foi, além disso, um intelectual engajado nas questões mais candentes de seu tempo: militante, levou suas idéias para a vida real e não hesitou em defender opiniões polêmicas e anti-hegemônicas, como ao defender a revolução dos aiatolás, no Irã. Seu legado não se limita, potanto, à sua produção acadêmica e aos livros, hoje clássicos, em que tematizou a Historia da loucura, da sexualidade e do sistema prisional, mas também às suas múltiplas intervenções, artigos e entrevistas, nos quais aplicava à realidade de sua época conceitos que permanecem vivos – sobretudo quando relacionados às relações de poder e à produção de discursos legitimadores da ordem social. Foucault produziu não apenas muita teoria, mas sobretudo uma nova maneira de nos relacionarmos criticamente com toda e qualquer teoria.

Pois bem, acaba de chegar às livrarias um trabalho ambicioso e fundamental, ***Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores***, do argentino Edgardo Castro (Autêntica, 480 pg. R$79). Organizado em cerca de 300 verbetes minuciosamente pesquisados, o livro apresena e mapeia os principais temas do pensador francês. Há entradas para outros filósofos – Deleuze, Derrida, Descartes etc – mas também para assuntos como Democracia, Desejo, e Liberalismo, entre muitos outros. Trata-se de um índice completo da totalidade dos textos publicados de Foucault: seu livros editados em vida, os grossos volumes da compilação de artigos e entrevistas intitulada *Ditos e escritos* (editada no Brasil pela Forense Universitária) e a transcrição dos seus cursos no Collège de France, que vêm sendo publicados pela editora Martins Fontes. Uma obra indispensável para quem já conhece ou quer conhecer Michel Foucault.



LEIA UM TRECHO DO PREFÁCIO:

"Guardadas as diferenças, poderíamos começar como Foucault no prefácio a Les mots et les choses e dizer que este livro nasceu de um texto de Borges. Foucault refere-se àquela enciclopédia chinesa onde aparece uma inquietante classificação dos animais: "(a) pertencentes ao Imperador, (b) embalsamados, (c) domesticados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães em liberdade, (h) incluídos na presente lassificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis, (k) desenhados com um pincel muito fino de pelo de camelo, (l) et cetera, (m) que acabam de quebrar a bilha, (n) que de longe parecem moscas".
Sempre, segundo Foucault, essa classificação provoca riso. Não pelo que nos pode sugerir o conteúdo de cada um de seus itens, mas pelo fato de que eles tenham sido ordenados alfabeticamente. O que nos faz rir é que no não lugar da linguagem se tenha podido justapor, como em um espaço comum, o que efetivamente carece de lugar comum. Provoca riso e inquietude a heterotopia que domina essa classificação. Supondo que os "inumeráveis", os "fabulosos" ou os "et cetera" existam, na classificação de Borges, trata-se de ordenar "seres"; no Vocabulário de Foucault – Um percurso por seus temas, conceitos e autores, de ordenar "conceitos". Mas, ainda que pareça que os "conceitos" estejam mais próximos das palavras e facilitem a operação, apesar disso, o perigo não é menor. De fato, este Vocabulário pode produzir o mesmo efeito que a classificação dos animais da enciclopédia chinesa; porque, claramente, tal como ela, poderia ser apenas o esforço para encontrar um lugar comum para o que parece não tê-lo. O próprio Foucault, com certa frequência, assinalou o caráter fragmentário e hipotético de seu trabalho, sua recusa em elaborar teorias acabadas, seu horror à totalidade. Seria, então, somente a pretensão de querer pôr ordem e limites a seu pensamento, recorrendo à simplicidade e finitude alfabéticas. Mais ainda, tentando ser simultaneamente breve e extenso, analítico, mas exaustivo, encerrando o universo do pensamento foucaultiano na enclausurada gramática de um dicionário, este Vocabulário não só provocaria o mesmo efeito que essa estranha classificação de animais, mas correria o risco de converter-se ele mesmo em uma enciclopédia chinesa. Porque, "notoriamente não há classificação do universo que não seja arbitrária e conjetural". E nada nos assegura que, com o afã de ordenar, não venhamos a cair nessas autoimplicações (classificar os conteúdos mesmos da classificação; como Borges, "(h) incluídos na presente classificação") que só os labirintos da linguagem permitem construir. E, finalmente, no pior dos casos, provocar somente riso, e, no melhor, também inquietude.
- Mas e se esse espaço comum existisse?
- Ah, bom, então, apresentar este Vocabulário se reduziria a dizer, de novo como Foucault: "Eu não escrevo para um público, escrevo para usuários, não para leitores"

LEIA TAMBÉM:

história da loucura

VIGIAR E PUNIR

microfisica do poder

história da sexualidade

ditos e escritos

4 comentários »

Antropologia do presente

ter, 07/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas

capa

Autor de diversas obras de referência nas Ciências Sociais, como ***Carnaval, malandros e heróis*** e ***A casa e a rua***, o antropólogo e professor Roberto DaMatta também se destacou, nos últimos anos, como cronista semanal dos jornais *O Globo* e *O Estado de S.Paulo*. Em seus textos, sempre refinados, ele ora ataca questões do dia-a-dia da vida pública brasileira, ora se lança ao terreno do afeto e da memória, para falar sobre a perda, o egoísmo, a experiência como professor, o exílio nos Estados Unidos, em suma: para expor a intimidade de um intelectual. ***Crônicas da vida e da morte*** (Rocco, 336 pgs. R$29,50) reúne suas melhores e mais recentes crônicas, mas não se trata de um livro de ocasião. Com a coesão de um ensaio longamente amadurecido, ele apresenta o mesmo rigor e permanência de suas obras teóricas. Capaz de lançar um olhar original mesmo sobre os temas mais batidos ou banais, DaMatta fala nesta entrevista sobre o seu novo livro.

G1: A igualdade como valor na sociedade brasileira é um dos eixos de Crônicas da vida e da morte. Estamos ficando mais iguais ou menos iguais?

ROBERTO DAMATTA: Estamos ficando mais iguais. Mas, conforme acentuo nas crônicas que discutem o poder, a política e os valores, estamos sujeitos a recaídas do nosso lado hierárquico, personalista e relacional. A igualdade existe mais no plano formal, das leis e da política, do que no social ou cultural, e isso torna as coisas mais complexas. Não temos, como mostro no livro, uma prática social da igualdade, como mostraM o trânsito, as filas, o governo e os políticos. Esses são um barato: eles se tornam famosos pregando a igualdade e enriquecem como nenhum outro grupo.

G1: Como avalia a versão brasileira das ações afirmativas, sobretudo a política de cotas nas universidades?

DAMATTA: Complicada, mas necessária. Não agüento mais ver elites brancas no Brasil, ainda que saiba muito bem que o preto e o branco, como tudo o mais, são relativos no Brasil.

G1: Numa crônica recentíssima, Arnaldo Jabor escreveu que já aconteceu no Brasil uma "revolução parda", um empobrecimento generalizado, hoje evidente mesmo na outrora dourada Ipanema. Ele lembrou Vinicius, que dizia que o Brasil seria feliz quando virasse uma grande Ipanema, mas aconteceu o inverso: Ipanema virou o Brasil. Entre a utopia de Vinicius e o Brasil pardo, pobre e violento de Jabor, qual seria um horizonte viável?

DAMATTA: Prefiro falar do meu livro que do Jabor.

G1: Várias crônicas tratam de perdas – de professores, amigos, um irmão e um filho. Escrever esses textos foi uma forma de terapia? Funcionou? O que o senhor aprendeu sobre as perdas ao refletir sobre elas?

DAMATTA: Isso é precisamente o faz o livro. Ele marca um momento de dor que continua na minha vida e que só vai passar quando eu morrer. Tento comunicar como os livros me ajudaram e, como você bem diz, como a escrita me ajudou a classificar o inclassificável, o sofrimento imenso de perder um filho.

G1: O senhor diz no prólogo que tentou pela primeira vez alinhavar fatos num fio literário. De onde surgiu esse impulso? Pensa em levá-lo adiante – por exemplo, escrevendo um volume de memórias?

DAMATTA: Sim. Eu entrei na antropologia pela porta da literatura e escrevi contos antes de realizar ensaios antropológicos. A hora da ficção chegou, e eu espero ter tempo para realizar esse projeto.

G1: O que o senhor diria ao jovem Roberto DaMatta, do começo dos anos 60, se o encontrasse hoje?

DAMATTA: Vá com calma. Preste mais atenção a você mesmo e aos outros; leia mais ficção e seja menos inteligente e sôfrego.

G1: Para um jovem aspirante a antropólogo e cientista social no Brasil, quais seriam os grandes temas com que se preocupar hoje?

DAMATTA: O grande problema do Brasil como estilo de vida é a questão da desigualdade. É mais difícil criar um estilo de vida realmente igualitário do que acabar com a desigualdade que nos sustenta e permeia como cultura e se insinua em todo lugar.

G1: O que significa envelhecer? Como está sendo essa experiência para o senhor, aos 73 anos?

DAMATTA: Ficar velho bem é ficar cada vez mais novo, no sentido de se sentir cada vez mais vivo e capaz de descobrir pessoas, lugares e experiências. O redesenhar-se que define o humano é a experiência mais importante de uma mocidade com idade.

G1: Considera que é possível um renascimento das ideologias de esquerda e direita? Ou, ao contrário, estamos mesmo vivendo o que se chamou de "fim da História"? Por quê?

DAMATTA: Fim da história, não. Fim do besteirol, talvez. Fim da ingenuidade que imaginaVa a salvação do Brasil pelo Lula, pelo PT e pela esquerda, certamente. Quem tem de nos salvar de nossos problemas somos nós.

G1: O caos aéreo no Brasil é um tema abordado no livro. Diante De mais uma tragédia recente, o que o senhor teria a acrescentar sobre o tema?

DAMATTA: Apesar da tecnologia, não controlamos nada de modo absoluto.

G1: Na crônica "Quando o tempo passa", o senhor trata de infidelidade e ciúme de uma forma altamente literária. Está mudando a forma como lidamos com isso?

DAMATTA: Sim e não. A literatura permite ver tudo e encontrar um lugar para tudo. Esta é a beleza da arte, sem a qual não poderíamos viver.

G1: O que teria a dizer sobre a erotização permanente do corpo feminino no Brasil, da multiplicação de mulheres melancia, moranguinho, maçã, jaca, melão, caviar, filé etc?

DAMATTA: Acho do cacete.

G1: O sexo é no Brasil um instrumento de mobilidade social?

DAMATTA: Sem nenhuma duvida, mas este é um vasto tópico.

TRECHO

"A inveja é um sentimento básico no Brasil. Está para nascer um brasileiro sem inveja. A coisa é tão forte que falamos em 'ter', em vez de 'sentir' inveja. Outros seres humanos e povos sentem inveja (um sentimento entre tantos outros, mas nós somos por ela possuídos. Tomados pela conjunção perversa e humana do ódio e do desgosto, promovidos justamente pelo sucesso alheio. Nosso problema é o sujeito do lado, rico e famoso, que esbanja reformando a casa, comprando automóveis importados, e dando 'aquelas festas de tremendo mau gosto!' Ou é o sujeito brilhante que – estamos convencidos, 'tira' (rouba, apaga, represa, impede) a nossa chance de fulgurar naquela região além do céu, pois, residindo no nurvana social dos poderosos (mesmo quando são cínicos e fracos), dos ricos (mesmo quando pobres e sofredores), dos belos (mesmo quando são feios), dos famosos (mesmo quando são fruto promocional da TV, das revistas e dos jornais) e dos elegantes (mesmo quando são cafonas), estaria acima de todas as circunstâncias. Estou seguro de que não é o patriotismo, mas a inveja, o sentimento básico de nossa vida coletiva."

LEIA TAMBÉM:

CAPA 2

CAPA 3

CAPA 4

capa 5

2 comentários »

Os mistérios do desejo

dom, 05/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas

A psicanalista Maria Rita Kehl precisou se conter para não transformar a mesa *As sem-razões do amor* numa sessão de psicanálise: Cathérine Millet é um prato cheio para qualquer divã. É verdade que, em alguns momentos, Maria Rita não resistiu à tentação de enveredar por um jargão ligeiramente fora de lugar, cheio de "interditos" e "recalcados", o que me parece uma forma involuntária de fugir do assunto que, afinal de contas, realmente interessa nos livros da escritora: as suas aventuras sexuais. Ainda assim, Cathérine, cuja expressão angelical não cansa de me impressionar depois do que li, disse coisas interessantíssimas, a propósito de seus dois livros, *A vida sexual de Cathérine M.* (surpeendentemente esgotado: me parece que a editora comeu mosca) e *A outra vida de Cathérine M.* (*Jour de souffrance*, no original).

Exemplos:

"A minha crise de ciúme passou quando me dei conta de que eola me dava um prazer masoquista."

"Não existe ciúme verdadeiro que não seja sexual. A crise não teve nada a ver com amor, sentimento que não estava em questão na minha relação."

"Sempre tive um duplo olhar sobre as coisas: quando eu tinha relações sexuais, eu via os meus parceiros, mas também via a mim mesma na cena. Isso cortava um pouco o meu prazer, porque penso que o prazer sexual intenso depende de um abandono total. Mas talvez esse outro olhar que me acompanha sempre seja, justamente, o olhar do escritor."

"Pratiquei muito sexo grupal, em clubes ou com grupos de amigos, mas continuei tendo meus tabus. Justamente imaginar Jacques Henric fazendo amor com outra mulher era algo inconcebível. Mas era nisso que eu pensava quando me masturbava."

"Não escrevo para me curar de alguma coisa, mas para me desembaraçar de mim mesma. A escritura apaga a memória primária das coisas, a ponto de eu não ter mais certeza de ter vivido tudo aquilo sobre o que escrevi."

"A liberdade sexual foi algo natural para mim, entrei nela como num jardim cheio de flores perfumadas. Meus pais brigavam muito, e minha mãe tinha um amante. Desde cedo percebi que a família não era um valor absoluto. Então não se tratou de uma transgressão contra pais tradicionais".

4 comentários »

Talese vai lançar livro sobre o próprio casamento

sáb, 04/07/09 por Luciano Trigo | categoria Todas

Durante pouco mais de uma hora, o elegante Gay Talese, 77 anos, deu uma aula de bom jornalismo, no que pode ser considerado o ponto mais alto desta edição da FLIP. As inteligentes perguntas de Mario Sergio Conti serviram como pretexto para que ele fizesse um balanço de sua brilhante trajetória e de seus controvertidos livros – e também para que anunciasse o próximo. O tema será seu próprio casamento de 50 anos, "com a mesma mulher, e morando na mesma casa".

"Guardei todas as cartas indignadas que minha mulher me escreveu nestes 50 anos, e a partir delas vou contar a minha versão do casamento. Se ela escrevesse a versão dela – e espero que ela não faça isso – certamente seria um livro totalmente diferente", brincou.

Depois de escrever livros polêmicos e ambiciosos sobre a Máfia (*Honrados mafiosos*), sobre o *New York Times* (*O poder e o reino*), sobre a Revolução Sexual (*A mulher do próximo*), entre outros temas, Talese quis esticar ainda mais a corda do chamado jornalismo literário: até onde ele poderia ir, ele se perguntou, avançando na intimidade das pessoas, sem se permitir o luxo da ficção? Daí surgiu a idéia de escrever sobre seu casamento.

Nesta hora Conti lembrou que, nos anos 70, Talese foi pesadamente criticado por ter exposto sua mulher a uma humilhação, ao narrar suas experiências na apuração da pesquisa sobre o comportamento sexual que resultaria em *A mulher do próximo* - quando chegou a trabalhar como gerente numa casa de massagens.

"É verdade que humilhei minha mulher", respondeu Talese, com a voz ligeiramente embargada. "E também minhas filhas, que na época eram vulneráveis colegiais e tiveram que ouvir coisas desagradáveis a meu respeito. Mas também é verdade que agi em nome de uma causa nobre: escrever bem aquele livro. Em nenhum momento tirei isso da cabeça. É um consolo pensar que outros escritores ao longo da História – como Hawthorne, Henry Miller ou mesmo Philip Roth – também fora acusados de indecência, e com o tempo foram redimidos."

Talese também contou detalhes sobre um dos episódios presentes em seu último livro, *Vida de escritor* - a reportagem sobre John Bobitt, que teve o pênis decepado pela mulher e foi em seguida transformado em vilão pela mídia. Após trabalhar meses na apuração, Talese viu sua matéria ser simplesmente descartada pela editora da revista *The New Yorker*, Tina Brown. Reflexo de uma mudança de mentalidade na imprensa americana, crescentemente dominada pelas mulheres, como Talese já havia observado na entrevista coletiva de quinta-feira. E lembrou o clássico perfil que fez de Frank Sinatra sem ter trocado sequer uma palavra com ele.

"O que as pessoas dizem não é tão importante, porque geralmente elas falam o que querem ver publicado. Achei mais interessante conversar com as pessoas à volta de Sinatra, seus músicos, funcionários, trabalhadores humildes, que tinham percepções interessantes sobre o cantor. Da mesma forma, quando fui a Cuba escrever sobre o encontro entre Mohammed Ali e Fidel Castro, em 1996, não conversei com nenhum dos dois, me limitei a observar as pessoas ao redor deles, como elas se comportavam."

O dom da observação vem da infância, quando, após o colégio, Talese ajudava o pai, um alfaiate imigrante da Calábria, em sua loja. Foi então que ele aprendeu a enxergar e diferenciar a forma como cada pessoa se apresentava – os clientes de seu pai eram os membros mais afluentes da comunidade – não apenas nas palavras, mas também no estilo. Aprendeu também a se relacionar sem qualquer desconforto com pessoas de diferentes classes sociais – um requisito que considera indispensável, além da paciência e perseverança, para quem quiser se dedicar ao tipo de jornalismo investigativo que o consagrou.

Leia mais notícias sobre FLIP aqui: **http://g1.globo.com/Sites/Especiais/0,,15700,00.html**

1 comentário »

« posts anteriores

2000-2015 globo.com Todos os direitos reservados. Política de privacidade